

**GRUPO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
alguns aspectos do trabalho pedagógico**

Deborah Thomé Sayão¹

RESUMO: Este trabalho consiste no relato da experiência vivenciada através de um Grupo de Estudos realizado ao longo do ano de 2001 com professores/as de Educação Física, diretoras, coordenadoras e professoras regentes da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Durante o trabalho desenvolvido e que fazia parte da formação em serviço destes/as profissionais, várias temáticas relacionadas à Educação Física na Educação Infantil foram trabalhadas. A partir dos relatos das práticas pedagógicas dos/as participantes pudemos aprofundar alguns sentidos dados as concepções de Educação Física presentes na Educação Infantil, bem como diferentes aspectos que norteiam o cotidiano do trabalho pedagógico com as crianças pequenas apontando problemáticas a serem enfrentadas por aqueles/as que se dedicam a este campo.

ABSTRACT: This work consists of a report on an experience carried out by a study group throughout the year 2001 involving Physical Education teachers, headmistresses, coordinators and primary's teachers from the Florianópolis Municipal Teaching Network. While the work, which was part of the preparation of these professionals in service, was being developed, several topics related to Physical Education in children's upbringing were added. Through the participants reports on pedagogical practices we were able to examine thoroughly some meanings ascribed to conceptions on Physical Education present in children's upbringing, as well as different aspects guiding the daily pedagogic work with young children pointing out problems to be faced by those that deal in this field.

Este texto pretende sistematizar algumas idéias que foram debatidas no grupo de discussão – caracterizado pelos/as participantes como grupo de estudos – denominado “O fazer pedagógico do/a Professor/a de Educação Física Infantil”² que se realizou entre os meses de maio a setembro de 2001. Tal grupo fazia parte da formação em serviço proposta pela Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. Já de antemão e, logo nos primeiros encontros, era possível perceber a importância atribuída pelos/as docentes acerca da necessidade de estudos sistemáticos abrangendo as fronteiras e as articulações entre a Educação Física e a Educação de zero a seis anos.

Desse processo participaram professores/as de Educação Física, professoras regentes, diretoras e coordenadoras pedagógicas. A importância da diversidade de formações e funções exercidas pelos/as participantes nas Unidades constituiu-se como um elemento importante para a ampliação das visões acerca do tema proposto.

Os debates empreendidos pelo grupo pautaram-se pelas problemáticas levantadas ao longo dos encontros e também pela exposição dos “fazer pedagógicos” relatados em vários momentos pelos/as

¹ Professora Assistente lotada no Departamento de Metodologia do Ensino CED/UFSC, doutoranda no PPGE/UFSC e consultora no ano de 2001 do grupo de discussão “Educação Física na Educação Infantil” da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Membro do Núcleo de Educação de 0 a 6 anos NEE 0 a 6 e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Corpo, Educação e Sociedade CED/UFSC. deborah@ced.ufsc.br

² Participaram do debate que culminou na escrita deste texto as professoras: Zilma C. Martins, Christiani de Abreu, Rejane Teresa Bodnar, Geisa Santana, Alexsandra de Souza, Edna Wagner, Andréa Francisco, Denize Farias, Adriana Wendhausen, Eliane Louzeiro, Zilma Martins, Rosana Mattos, Jaqueline Monteavaro, Carla Pereira, Louis Waldir Francelino, Sírnia da Silveira, Sônia Alves, Arlene Darella, Mirian Maciel, Adriane Ramos, Nara Perozin, Clarice Corrêa, Márcia de Oliveira, Adelair Ferreira, Aparecida Amaral, Elisabeth Corrêa, Cátia Pereira, Andrete Brancher.

participantes. Algumas leituras, o aprofundamento de referenciais teóricos concernentes à área e experiências anteriores já sistematizadas também norteou os estudos e debates que procuravam articular teoria e prática.

Tendo como pressupostos para o debate os Princípios Pedagógicos para a Educação Infantil Municipal³ como diretrizes da Rede, o coletivo elencou vários pontos que descreveremos como aqueles que carecem de maior aprofundamento nas creches e NEIs⁴ e, também pela administração municipal, no caso de Florianópolis.

Muitos aspectos, porém, já possuem um acúmulo de discussão e evidenciam a elaboração de alguns pressupostos teórico-metodológicos que são produtos do trabalho pedagógico materializado no cotidiano das unidades de Educação Infantil.

a) a concepção de educação física como disciplina escolar.

Esta concepção⁵ sobrevive desde os primórdios do surgimento da Educação Física na Rede Municipal de Florianópolis. A idéia de uma Educação Física calcada nos fundamentos da escola contrapõe-se aos princípios da Pedagogia da Educação Infantil, para a qual é preciso construir a especificidade do trabalho pedagógico voltado às necessidades e interesses das crianças de 0 a 6 anos. Como já sabemos o tempo, espaço e conteúdos previamente definidos que demarcam as disciplinas na escola, não têm sentido para as crianças pequenas. Cabe, portanto, aos/as profissionais elaborarem pressupostos teórico-metodológicos que dêem conta de garantir o trabalho pedagógico da Educação Física à luz da Pedagogia da Educação Infantil⁶.

Neste caso, é preciso superar a concepção disciplinar de Educação Física fortemente enraizada na formação docente e partir para a idéia de complementaridade de ações pedagógicas que englobam diferentes profissionais, de diferentes áreas de formação que pensam, planejam e desenvolvem planos de trabalho tendo as crianças como centro irradiador das interações e não, o conhecimento determinado *a priori* pelos adultos.

Em muitos relatos dos/as participantes, percebemos que a superação da visão disciplinar da Educação Física tem sido a tônica em algumas creches e NEIs nos quais através do trabalho coletivo, os adultos envolvidos, têm conseguido implementar outras formas de conceber e organizar a Educação Física. Estas experiências não são modelos a serem copiados, mas são construções elaboradas pelos/as profissionais que tentam dar conta da especificidade deste trabalho.

Uma professora que estava trabalhando com um projeto sobre o boi-de-mamão, preocupava-se em construir um “boi” próprio para as crianças pequenas. E perguntava-se: - *como deve ser o boi para os pequeninhos?* Isso, certamente, imprime a necessidade de pesquisar este tema juntamente com outros/as

³ Estes princípios estão expressos no documento: Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação. Subsídios para a Reorganização Didática da Educação Básica Municipal. Florianópolis, 2000.

⁴ Denomina-se NEIs aos Núcleos de Educação Infantil que matriculam, em geral, crianças de 4 a 6 anos de idade em meio período.

⁵ Esta temática está desenvolvida em SAYÃO, Deborah; MOTA; Maria Renata E MIRANDA, Olga. Educação Infantil em debate: idéias, invenções e achados. Rio Grande/RS: Ed.FURG, 1999.

⁶ Acerca deste tema consultar ROCHA, Eloísa. A pesquisa em educação infantil no Brasil. Florianópolis, NUP/CED, 1999.

profissionais de outras áreas. Uma outra professora contava que durante sua trajetória profissional tinha atuado com o ensino fundamental e que estava todo o tempo discutindo com as outras profissionais do NEI as formas de organizar o trabalho mais voltado para as crianças de 0 a 6 anos. Ela refletia: *-minha proposta no NEI é criar um jeito específico de trabalhar com estas crianças sempre junto com o coletivo da unidade.*

No entanto, quanto a este aspecto, é notório que a rotatividade de professores/as de Educação Física nas unidades⁷ dificulta e, em alguns casos, impede que um trabalho de mais qualidade seja implementado. Diretoras e supervisoras evidenciam o problema da rotatividade de professores/as contratados que, muitas vezes, chegam em seus locais de trabalho sem a formação adequada para atuarem com as crianças pequenas. Tanto a Secretaria de Educação quanto algumas unidades, oferecem a formação em serviço. No entanto, após um tempo na unidade e quando este/a profissional começa a se integrar mais à proposta da Pedagogia da Educação Infantil, precisa sair da Unidade e seu processo de inserção recomeça. Isso desgasta sobremaneira os sujeitos envolvidos.

b) o distanciamento entre a Educação Física e a totalidade do trabalho pedagógico no âmbito das creches e NEIs.

A idéia desenvolvida anteriormente – Educação Física como disciplina escolar - limita a concepção de trabalho pedagógico pensado como uma totalidade no qual adultos, crianças, famílias e o contexto sócio-cultural são aspectos fundamentais. A superação do distanciamento entre as áreas/disciplinas que existem no interior de uma unidade de Educação Infantil, passa pela consciência de seus profissionais de que o corporativismo das formações e/ou funções é um impedimento do trabalho de qualidade.

Quando pensamos em qualidade estamos vislumbrando a complementaridade entre as esferas que constituem o cotidiano das creches e NEIs. Portanto, não deve haver hierarquias entre profissionais, crianças e famílias nos diferentes momentos do planejamento e/ou da implementação das ações.

A participação das professoras regentes e auxiliares é indispensável naqueles momentos em que o/a professor/a de Educação Física está coordenando uma atividade, assim como o inverso disso, o que possibilita aos/as profissionais conhecerem melhor as crianças e construir vínculos entre os adultos que qualificam o trabalho pedagógico.

c) a formação permanente do/a professor/a de Educação Física precisa contemplar a discussão também permanente com os/as profissionais da área, com os/as demais profissionais da creche e com as outras áreas do conhecimento.

Muito temos discutido acerca da inexistência de um suporte teórico-metodológico específico da Educação Física que dê conta de garantir a qualidade do trabalho pedagógico voltado para as crianças

pequenas. Há, evidentemente, um certo descaso com a atuação destes/as profissionais que se expressa, por exemplo, nos currículos de formação dos cursos de graduação que não incluem uma discussão acerca da infância e das crianças pequenas para além do Desenvolvimento Motor, da Recreação e da Psicomotricidade.

Sem dúvida, a formação eminentemente técnica e voltada para a atuação com adolescentes e adultos dos/as profissionais da Educação Física tem sido um forte limitador do avanço necessário do trabalho com crianças pequenas.

Além disso, as contribuições de áreas como a Sociologia, História, Antropologia, Filosofia, Pedagogia e outras têm sido negligenciadas em sua importância enquanto irradiadores da possibilidade de construção de uma Educação Física mais próxima das crianças e mais distante das técnicas do esporte de rendimento e das performances instrumentalizantes.

Cabe, portanto, ressaltar que a formação permanente dos/as profissionais da Educação Física não pode limitar-se ao universo desta disciplina. Ela precisa ser ampliada também para o universo da Educação Infantil, num movimento que abarque algumas especificidades da Educação Física articuladas indissociavelmente à Educação Infantil.

Como vimos ao longo do grupo de estudos o papel de um coordenador pedagógico na Unidade torna-se fundamental para a facilitação deste movimento. A idéia de totalidade do planejamento abarcando o Projeto Político Pedagógico real⁸ da Unidade torna imprescindível o levantamento das principais necessidades dos/as profissionais que podem ser encaminhadas pelo/a coordenador/a.

Uma coordenadora pedagógica participante do grupo relatou o processo de formação que o coletivo da unidade onde atua vem implementando. Seu papel é de suma importância porque ela utiliza imagens de vídeo captadas do cotidiano das ações educativas e, através destas imagens, os/as profissionais podem avaliar, repensar, reestruturar, ampliar o trabalho junto às crianças. Esta mesma coordenadora descreveu também algumas dificuldades por ela enfrentadas com relação aos profissionais de Educação Física que chegam para atuar na unidade e que revelam jamais terem pensado em trabalhar com crianças pequenas afirmando não possuírem formação para tal. A vaga aparece e, mesmo sem formação acadêmica, os/as profissionais assumem. Uma das questões que levantávamos permanentemente relacionada a isso era: qual o lugar que os meninos e meninas que freqüentam creches e NEIs – sujeitos reais e de pouca idade - ocupam neste processo?

d) a criatividade que pode fazer avançar a compreensão da área.

Durante a realização do grupo muitas ações foram relatadas pelos/as participantes que informam o quanto a criatividade constitui-se numa ferramenta indispensável para a construção da Pedagogia da Educação Infantil e os desdobramentos desta para a Educação Física. Alguns/as profissionais vêm construindo um

⁷ Esta afirmação está baseada no grande número de docentes que atuam em caráter de contratação temporária e que, a cada ano, ingressam em uma nova unidade deixando de criar elos mais consistentes o que dificulta e, em muitos casos impede, a continuidade das relações de trabalho e dos projetos coletivos.

trabalho de qualidade pautado na criatividade de suas ações. Isto porque sabemos não podemos simplesmente importar modelos ou cartilhas que apresentam um trabalho planejado *a priori* pelos adultos.

Na idéia que estamos discutindo faz-se necessário um tempo e um espaço em que profissionais pensem juntos quais os temas que são necessários para serem trabalhados de acordo com o momento que os diferentes grupos de crianças estão vivendo. Por isso, é preciso pensar cada grupo articulado ao Projeto Político Pedagógico mais amplo da creche ou NEI.

Criando momentos, tempos, espaços e materiais, diferentes profissionais têm extrapolado a limitação imposta pela compreensão de disciplina que, como já afirmamos, a Educação Física tradicionalmente engendrou e, com isso, têm evidenciado que o trabalho se constrói e reconstrói cotidianamente de diferentes formas.

e) a dimensão brincalhona⁹ dos adultos como vivência de processos coletivos

As crianças pequenas se caracterizam por sua dependência em diferentes níveis em relação aos adultos. Por isso é tão importante nossa convivência com elas. No entanto, as interações com outras crianças de diferentes idades proporcionam trocas entre elas que são indiscutivelmente insubstituíveis.

Nessas interações, as diferentes linguagens como a oralidade, os gestos, o choro e todas outras expressões corporais, são os elementos que possibilitam às crianças a inserção no contexto cultural e a ampliação de suas experiências de movimento. É evidente, que sempre estas ações estão permeadas pela intervenção dos adultos em maior ou menor grau.

O movimento corporal que possibilita às crianças expressarem diferentes linguagens torna-se visível sempre que observamos crianças que, ao serem estimuladas por objetos, por brinquedos, por músicas, sons, etc...recriam os objetos, embalam-se ao som das músicas, transformam objetos em brinquedos. É a capacidade de captar os significados próprios dos contextos culturais e recriá-los constantemente que torna a infância uma categoria social com especificidades próprias.

Em todos os momentos que apresentamos propostas aos/as pequenos/as percebemos que há uma intencionalidade lúdica nas interações que as crianças criam. Portanto, cabe a nós adultos desenvolvermos cada vez mais e a todo momento nossa dimensão brincalhona para que possamos nos aproximar das interações das crianças tornando-nos parceiros em suas invenções.

A vivência de momentos de intensa ludicidade nos quais as crianças juntamente com os adultos criam brinquedos e brincadeiras são momentos onde a infância toma corpo e se materializa.

f) A superação do tempo/espaço adulto

⁸ Utilizamos a expressão Projeto Político Pedagógico **Real** para designar todas as ações que acontecem no cotidiano das unidades que podem se distanciar, se contrapor ou ampliar algumas vezes do Projeto Político Pedagógico **formal** –aquele escrito, mas nem sempre incorporado organicamente ao coletivo da unidade.

⁹ Expressão traduzida por Prado, (1999) a partir do trabalho de Ghedini (1994)

Um dos momentos mais significativos do grupo de estudos foi o relato elaborado por alguns/as de seus/as participantes evidenciando que o tempo tradicionalmente determinado para a realização da Educação Física não estava adequado às concepções de criança e Educação Infantil vigentes na Unidade. Por esta razão, muitos/as professores/as abandonaram a idéia de “aula” de Educação Física com tempo previsto em 40 ou 45 minutos e estão desenvolvendo experiências em que a atividade se desenvolve no tempo necessário para as crianças. Desta maneira deixa-se de lado uma organização baseada no tempo e espaço pensados e planejados pelo adulto e se adequa o tempo e o espaço as necessidades infantis que assim como afirma Perrotti (1995) são diferentes.

Neste sentido, a Educação Física pode durar 30 minutos, 1 hora e meia ou, às vezes uma manhã inteira. Ela pode começar com o/a professor/a de Educação Física e sua continuidade acontecer com a professora regente, dadas as características das atividades. Isso é possível desde que o planejamento seja elaborado de forma coletiva. Esse tipo de conduta evita as tradicionais quebras no trabalho pedagógico que são evidenciadas por expressões como: “*agora precisamos voltar para a sala porque acabou o nosso tempo*” e ainda “*aguardem, crianças, que a professora de Educação Física já está chegando*”.

Quanto ao espaço onde tais atividades acontecem não necessariamente precisa ser o pátio da unidade. A possibilidade de explorar diferentes espaços amplia o repertório vivencial das crianças e torna as atividades mais interessantes para elas.

g) a ampliação das experiências de movimento das crianças

Um dos sentidos da Educação Física na Educação Infantil pode ser dado pela ampliação das experiências de movimento das crianças. Se concordamos com isso não existe razão para a repetição mecânica de atividades rotineiras que cansam-nas e não possibilitam que criem novas formas de se movimentar.

Ao adulto cabe observar atentamente o grupo de meninos e meninas nas suas brincadeiras em espaços amplos ou restritos e organizar estes espaços e os materiais a fim de que os/as pequenos/as inventem novas formas de brincar com os objetos, com seus corpos e com os corpos de seus colegas e dos adultos.

Na criação de espaços e de materiais necessários é preciso considerar alguns critérios de segurança para que as crianças não se machuquem. No entanto, é preciso aprender a lidar com o inusitado, com o imprevisto e com a importância da ousadia quando falamos de movimento. O medo do adulto não pode ser o impedimento para que as crianças não experimentem determinados movimentos ou objetos.

Neste sentido, muitas vezes, precisamos aprender a lidar com nossas limitações e medos tentando superá-los, pois diferentes experiências de movimento possibilitam, sobretudo, autonomia e confiança às crianças. É preciso nunca esquecer que as crianças possuem o direito de brincar e de se movimentar em amplos espaços, assim como enfatizam os Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. (MEC, 1995)

Portanto, cada vez mais, precisamos colocar em evidência que a inserção das crianças em ambientes educacionais como creches e pré-escolas é, sobretudo, um direito das próprias crianças. Concepções

assistenciais ou de simples guarda, devem ser banidas de nosso ideário pedagógico. Nesse sentido, colocar as crianças no centro de nossas atenções quando planejamos as práticas pedagógicas na Educação Infantil faz sentido desde que compreendamos que relações horizontais entre adultos e crianças favorecem um clima no qual os direitos de todos os cidadãos envolvidos precisa ser respeitado, inclusive o das próprias crianças. Mas isso estamos recém aprendendo a fazer.

Referências:

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. COEDI. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. 1995.

PERROTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In ZILBERMAN, Regina. *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

PRADO, Patrícia. *Educação e cultura infantil na creche*. Campinas/SP. Dissertação de Mestrado. Fae/Unicamp, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, Secretaria Municipal de Educação. *Subsídios para a reorganização didática da educação básica municipal*. Florianópolis, 2000.

ROCHA, Eloísa. *A pesquisa em educação infantil no Brasil*. Florianópolis. NUP/CED, 1999.

SAYÃO, Deborah. A disciplinarização do corpo na infância: educação física, psicomotricidade e o trabalho pedagógico. IN SAYÃO, Deborah; MOTA; Maria Renata E MIRANDA, Olga. *Educação Infantil em debate: idéias, invenções e achados*. Rio Grande/RS: Ed.FURG, 1999.

Recebido para publicação em: 14/03/2002
Aprovado em: 11/06/2002